



“É boa leitura, mas para momentos de lazer”: a leitura dos romances de Walter Scott pelo imperador Pedro II

“It’s Good to Read, but in Moments of Leisure”: The Reading of Walter Scott’s Novels by Emperor Pedro II

Larissa de Assumpção

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo/Brasil

larissadeassumpcao@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6110037699556790>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as anotações e opiniões sobre os romances de Walter Scott presentes em cartas escritas pelo imperador Pedro II. Para isso, serão utilizadas como fonte as missivas enviadas pelo imperador à princesa Isabel e ao conde de Gobineau, entre os anos de 1860 e 1880, e que hoje fazem parte do Arquivo Grão-Pará do Museu Imperial de Petrópolis. A análise das práticas de leitura retratadas nessas cartas teve como base três aspectos principais: de que maneira a obra de Walter Scott era vista no século XIX, qual eram os pensamentos de Pedro II sobre esses livros e como o imperador e a princesa Isabel realizaram a leitura do romance *Ivanhoé*. Ao final do trabalho, conclui-se que a leitura de livros de Walter Scott era bastante valorizada pela crítica do período e por outros membros da aristocracia. Pedro II também admirava as qualidades literárias dos romances de Scott, que, segundo ele, eram uma ótima ocupação para os momentos de descanso e lazer. Além disso, em suas cartas, ele indica a leitura de diferentes obras do escritor, como *Ivanhoé* e *Waverley*, com base em critérios que também eram utilizados pela crítica especializada do período, como a qualidade das descrições, a verossimilhança, a construção das personagens e a capacidade dos romances de entreter e instruir os leitores.

Palavras-chave: Walter Scott; família imperial brasileira; *Ivanhoé*, carta; leitura.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the notes and opinions about Walter Scott’s novels written in letters by Emperor Peter II. The *corpus* of the study are the missives sent by the emperor to Princess Isabel and to the Count of Gobineau between the years 1860 and 1880 and which are part of the Grão-Pará Archive of the Imperial Museum of Petrópolis. The analysis of the reading practices represented in these letters is based on three main aspects: how Walter Scott’s work was seen in the 19th century, what were Pedro II’s thoughts about these books and how the Emperor and Princess Isabel read the novel *Ivanhoe*. It is concluded that the reading of Walter Scott’s books was highly valued by critics of the period and by other members of the aristocracy. Pedro II also admired the

literary qualities of Scott's novels, which, according to him, were a great occupation for moments of leisure. In his letters, he indicates the reading of different works of the writer, such as *Ivanhoe* and *Waverley*, based on criteria that were also used by specialized critics of the period, such as the quality of the descriptions, the construction of the characters and the capacity of the novels to entertain and instruct the readers.

Keywords: Walter Scott; Brazilian imperial family; *Ivanhoe*; letter; reading.

Durante o século XIX, o Brasil fez parte de uma grande rota de circulação de romances (ABREU, 2016). Nesse período, o país recebeu e exportou diversas obras, que atingiam leitores de diferentes localidades do mundo ocidental por meio de edições em língua original, traduções e adaptações, que tornaram alguns autores conhecidos em diversas partes do mundo. É com o objetivo de compreender algumas etapas desse processo de circulação, bem como de entender “como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990, p. 109) que autores como Robert Darnton destacam a importância, para a história dos livros, de estudar a difusão e a recepção dos livros na sociedade.

Em seu livro *O Beijo de Lamourette*, o autor propõe um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem na sociedade, processo que “pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (...), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor” (DARNTON, 1990, p. 111). Nesse circuito, estavam envolvidos, no século XIX, indivíduos de diferentes países, que, apesar de suas formações e vivências diferentes, entravam em contato com obras muito semelhantes (ABREU, 2016).

Entre os países com os quais o Brasil oitocentista manteve um intenso comércio de livros encontrava-se a Inglaterra. Para Franco Moretti, havia, nesse período, duas grandes superpotências narrativas, responsáveis por produzir um grande número de romances e exportá-los para outros países europeus: a Grã-Bretanha e a França. Segundo Sandra Vasconcelos (2006, p. 50), essa afirmação de Moretti é verdadeira não apenas para a Europa, mas também para o Brasil, onde “os leitores brasileiros e estrangeiros iriam se familiarizar com o novo gênero por meio dos romances ingleses e franceses” (VASCONCELOS, 2006, p. 50). Essas obras, que “passaram a circular no Rio de Janeiro de modo cada vez mais significativo a partir das primeiras décadas do século XIX” (VASCONCELOS, 2006, p. 50),

trouxeram a terras brasileiras os romances de autores como Charles Dickens, Samuel Richardson, Laurence Sterne, Ann Radcliffe, Paul de Kock, Henry Fielding e Walter Scott.

A circulação desses livros deixou diversos indícios no país. É possível mencionar, por exemplo, os catálogos de livreiros, os anúncios nos jornais, as críticas literárias e os leilões em que constavam tais obras (Cf. ABREU, 2008, 2016). Há ainda, alguns registros de leitores que escreviam suas opiniões sobre a obra literárias em cartas, diários e documentos pessoais. Um dos leitores de romances que deixou registros desse tipo é o imperador Pedro II (Cf. ASSUMPTÃO, 2018). Conhecido até hoje pela imagem de homem culto, estudioso e mecenas das artes (Cf. SCHWARCZ, 1998), esse monarca brasileiro escreveu muitas cartas a parentes e amigos, que estão depositadas hoje em regime de comodato no Museu Imperial de Petrópolis¹. Esses documentos trazem indícios sobre pensamentos e opiniões de Pedro II a respeito de fatos políticos, pesquisas científicas, peças de teatro e outros acontecimentos que faziam parte de seu cotidiano. Entre os assuntos mais comentados, está a leitura de romances, bastante presente na vida da família imperial.

O estudo desses documentos pode auxiliar na compreensão sobre como determinados autores foram lidos e recebidos no Brasil do século XIX. Neste trabalho, será comentada a leitura de obras de Walter Scott (autor de língua inglesa de bastante sucesso) pelo imperador. Isso será feito com base em trechos de cartas que o monarca enviou à sua filha, a princesa Isabel (AGP XXXIX-1), e ao seu amigo, o conde de Gobineau², entre os anos de 1860 e 1880, e que hoje fazem parte do arquivo do Museu Imperial de Petrópolis. As práticas de leitura retratadas nessas cartas serão apresentadas e analisadas por meio do exame de três aspectos principais: de que maneira a obra de Walter Scott era vista pelo imperador, qual papel esses livros ocupavam no seu cotidiano e quais critérios foram utilizados por Pedro II para avaliar os romances desse autor e indicar sua leitura à filha e ao amigo. Por meio dessa análise, pretende-se compreender de que maneira Walter Scott, autor escocês de romances históricos e que obteve

¹ Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará – doravante AGP.

² Cartas do imperador Pedro II ao conde Gobineau. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo da Casa Imperial – Doravante ACI.

grande sucesso de público e de crítica ao longo do século XIX, foi lido e compreendido por esses membros da aristocracia.

1 A leitura de Walter Scott no século XIX

Antes de analisar a maneira como o imperador Pedro II leu e comentou as obras de Walter Scott, é necessário compreender o que os livros desse autor significavam na época em que ele viveu, bem como outros indícios que possam revelar a maneira como eles foram lidos nesse período. Para compreender a circulação e recepção desse autor, é necessário considerar, também, que o gênero romance, como já foi mencionado anteriormente, não era muito bem visto no início do século XIX. Um dos motivos do estranhamento gerado no mundo das Letras por esse gênero é o fato de, no século XVIII, ele ainda ser considerado como algo novo. Esse fato fez com que ele fosse abordado de maneira negativa por muitos críticos literários, que viam a leitura de romances como um grande perigo, pois ela “fazia com que se perdesse um tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis” (ABREU et al., 2005, p. 2). Essa afirmativa se baseava no fato de que “enquanto a leitura das belas letras tinha por objetivo formar um estilo e ampliar a erudição, e as leituras religiosas visam aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação, a leitura de romances parecia sem finalidade” (ABREU et al., 2005, pp. 2-3).

Segundo Abreu et al. (2005, p. 3), essas narrativas também apresentavam vários problemas do ponto de vista moral, pois elas “ensinavam a fazer coisas reprováveis, favoreciam o contato com cenas de adultério, incesto, sedução, crimes, possibilitando ao leitor aprender como levar a cabo situações semelhantes, como evitar riscos, como burlar as leis” (ABREU et al., 2005, p. 3). Assim, “eles enfraqueciam os valores morais ao conferir novo sentido a atos reprováveis: nos textos, o crime poderia ser apresentado como uma fraqueza, a castidade, vista como um cuidado desnecessário, a sedução, tida como ato de amor” (ABREU et al., 2005, p. 3).

Na Inglaterra dos séculos XVIII e início do XIX, o romance também não era bem visto por muitas pessoas. Nesse período, esse gênero sofria muitas críticas negativas dos letrados e era muitas vezes considerado inferior, associado à classe média e a um público majoritariamente feminino. Segundo Ina Ferris (1991, p. 8), “popular e não oficial, o romance desafiou a autoridade disciplinar das críticas, mesmo procurando estabelecer suas credenciais com base no mesmo gosto, razão e valor controlados pelo

discurso crítico”³. Por esse motivo, “o discurso crítico confrontou no romance suas próprias origens na classe média e suas ansiedades sobre classe, gênero, leitura e valor, esforçando-se para manter o romance fora da esfera literária” (FERRIS, 1991, p. 8)⁴.

Ao longo do século XIX, o gênero passou a obter mais prestígio, e esse reconhecimento e aceitação esteve relacionado diretamente às obras de Walter Scott. Segundo Ferris, “a publicação de *Waverley, or 'tis Sixty Years Since*, em 1814, foi um evento importante para o romance europeu, lançando a série de romances de *Waverley*, que, de várias e complexas maneiras, moldaram a escrita de ficção no século XIX” (FERRIS, 1991, p. 1)⁵. Além disso, “as *Waverley Novels* deslocaram o romance das margens subliterárias da cultura para a hierarquia literária” (FERRIS, 1991, p. 1)⁶.

Essa importância dada aos romances de Scott esteve relacionada, em grande medida, à maneira como ele construía suas histórias, integrando os fatos históricos à narrativa e representando, em seus personagens, figuras e acontecimentos importantes (VASCONCELOS, 2008). Esse estilo de escrita permitiu que o autor respondesse muito bem “ao desafio de configurar literariamente um novo modo de compreender a história, a relação entre o passado e o presente, ou (...) de expor as forças socio-históricas que plasmam a nossa vida” (VASCONCELOS, 2008, p. 353). Além disso, a forma como Scott construía suas narrativas garantiu a ele um grande sucesso de público e de crítica ao longo do século XIX e em diferentes países. Segundo Vasconcelos, a obra *Waverley*, lançada em 1814, teve quatro edições publicadas em seis meses, sendo que a primeira vendeu mil exemplares em cinco semanas, e a segunda vendeu dois mil exemplares em sete semanas (VASCONCELOS, 2008, p. 356). Um sucesso semelhante se

³ No original: "Popular and unofficial, the novel challenged the disciplinary authority of the reviews even as it sought to establish its credentials on the very grounds of taste, reason, and value controlled by the critical discourse". Todas as traduções presentes no texto foram feitas por mim.

⁴ No original: "For its part, critical discourse confronted in the novel its own middle-class origins and anxieties about class, gender, reading, and value, striving to keep the novel outside the literary sphere".

⁵ No original: "The publication of *Waverley, or 'tis Sixty Years Since* in 1814 was a momentous event for European novel, launching the series of *Waverley Novels* that in various and complex ways shaped the writing of fiction for the nineteenth century."

⁶ No original: "The *Waverley Novels* moved the novel out of the subliterary margins of the culture into the literary hierarchy".

repetiu com os vinte seis *Waverley Novels*, que, até 1860, venderam de dois a três milhões de exemplares (VASCONCELOS, 2008).

Outro ponto interessante sobre o sucesso dos romances de Scott é o fato de que eles eram apreciados pela crítica especializada, pelo público amplo e também pela elite. Segundo Louis Maigron (1912 *apud* VASCONCELOS, 2008, p. 357), os romances Scott foram “mais que um sucesso: foram uma mania”, pois “desde os modistas até as duquesas, desde as pessoas simples até os intelectuais, todos se renderam ao fascínio de Scott”. O sucesso desse autor esteve relacionado, também, ao grande número de adaptações que suas obras tiveram. Na Alemanha, por exemplo, Franz Schubert musicou, em 1825, uma versão traduzida do poema *The Lady of the Lake* (VASCONCELOS, 2008, p. 352), e um drama em cinco atos baseada nesse poema e traduzido do francês também foi representada no Rio de Janeiro, no Teatro da Praia de D. Manuel, em 1837 (VASCONCELOS, 2008, pp. 367-368).

Entre a elite, o sucesso de Walter Scott foi grande e fez inclusive com que a duquesa de Berry, membro da aristocracia francesa, pedisse para que as pessoas que ela convidou para um baile de máscaras fossem fantasiadas como os personagens de *Waverley* (LYONS, 1987, p. 134). O autor também alcançou os mais altos círculos da aristocracia inglesa, sendo citado no diário da rainha Victoria. Essa rainha, conhecida por seu poder e pela influência que exerceu ao longo do século XIX, escreveu alguns diários ao longo da vida, nos quais ela narra os acontecimentos de seu cotidiano, bem como suas atividades, pensamentos e reflexões desde a infância até o fim de sua vida⁷. Nesses cadernos, ela faz algumas menções aos livros que está lendo e aos autores com os quais teve contato. Entre essas anotações, Walter Scott é mencionado com certa frequência, e é citado de maneira direta em ao menos 60 entradas do diário.

Em algumas dessas menções, a rainha deixa clara a fama do autor em terras inglesas. Em 1833, por exemplo, quando ela tinha apenas 13 anos, Victoria escreveu que foi assistir ao *Balé de Kenilworth*, mas que não descreveria a peça, pois ela foi baseada no romance de Walter Scott, que já era bem conhecido (ABP, 1833)⁸. Alguns anos depois, em 9 de janeiro de

⁷ Esses cadernos, escritos entre os anos de 1831 e 1901, fazem parte do Acervo do *Buckingham Palace* – Doravante ABP – e estão disponíveis para consulta no site da Família Real Britânica: <http://qvj.chadwyck.com/marketing.do>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

⁸ 9 de fevereiro de 1833. No original: "At ½ past 6 we went to the play with Lady Conroy, Victoire and Lehzen as usual. It was the ballet of Kenilworth. The subject is taken from the novel by Sir Walter Scott, which being so well known I shall not describe."

1838, a rainha escreveu que estava lendo em voz alta, para a sua governanta, o romance *The Bride of Lammermoor*, e que esse era o primeiro livro desse gênero que ela havia lido (ABP, 1838)⁹. Após alguns meses, em 23 de março de 1838, ela escreveu que contou sobre a leitura dessa obra para o visconde de Melbourne, que lhe disse que, quando as pessoas gostam de um romance, não é possível parar de lê-lo. A isso ela respondeu que gostou do livro e que pareceria estranho se ela não houvesse lido ao menos um dos romances de Scott (ABP, 1838)¹⁰.

Esses acontecimentos, narrados pela rainha Victoria ainda jovem, somados aos indícios de circulação das obras de Walter Scott presentes na historiografia, mostram como a leitura desse romancista alcançou diversos círculos sociais do século XIX, e que a sua leitura era desejável até mesmo dentro dos círculos aristocráticos. O conhecimento desses fatos pode ajudar a entender por que o romancista representou um papel tão importante dentre as leituras feitas pelo imperador Pedro II.

2 A admiração de Pedro II por Walter Scott

Na época em que Pedro II viveu e governou o Brasil, o sucesso de Walter Scott chegou também às terras brasileiras. Segundo Vasconcelos, as primeiras aparições desse romancista no país ocorreram por meio de anúncios no *Jornal do Commercio* e no *Diário do Rio de Janeiro*, que, na década de 1820, indicavam ao público que algumas livrarias contavam com as obras desse escritor (VASCONCELOS, 2008, p. 362). Nesse mesmo período, esses romances apareceram também em catálogos de gabinetes de leitura, como a *British Subscription Library* do Rio de Janeiro, e, posteriormente, podiam ser encontrados no Real Gabinete Português de Leitura (VASCONCELOS, 2008, p. 364).

Com a circulação de suas obras no Brasil, houve também a publicação de textos críticos que buscavam analisá-las, e que circularam nos periódicos do período. Como exemplo, é possível citar um prefácio de uma tradução do romance *O Collar de Perolas ou Clorinda*, que é atribuído a Scott em uma edição de 1830 da revista *O Beija-Flor*, apesar de ser de autoria de Lord

⁹ No original: "Began and read aloud to Lehen Walter Scott's novel of the Bride of Lammermoor, the *first novel* I have ever read!"

¹⁰ No original: "spoke to him about my reading the Bride of Lammermoor; he said if people liked a novel they never could leave off reading it. I said I liked it, and that I thought it would appear odd if I had not read one of Walter Scott's novels".

Normanby (VASCONCELOS, 2008, p. 365). Nesse texto, o autor afirma que está prestando um serviço à literatura nascente do Brasil,

oferecendo ao público um espécime de estilo, e método de Walter Scott que, com justa razão, foi chamado o historiador das novelas, e o novelista da história. Com efeito os Romances de Walter Scott, não são senão quadros para pintar ao vivo, e com a mais escrupulosa fidelidade, os costumes opiniões, e fatos históricos de certas eras. (*Beija-Flor*, 1830, p. 30).

A fama de Scott alcançou também a família imperial que, entre os mais de 24.270 volumes que compunham a sua coleção, e que hoje fazem parte da Coleção Teresa Cristina da Biblioteca Nacional, possuía 19 romances do autor, que é o segundo mais presente no catálogo (ASSUMPÇÃO, 2018, p. 56). Esses romances, que foram editados em alemão e em francês, faziam parte também das práticas de leitura do imperador, que conversava frequentemente sobre suas atividades voltadas ao estudo e às letras com seus amigos mais próximos e com sua família.

Algumas das menções a esse romancista estão presentes na correspondência trocada entre o monarca e o conde de Gobineau. Esse conde, nascido na França em 1816, teve uma formação clássica na Suíça, e, ao longo da vida, exerceu atividades diplomáticas como chefe do *Cabinet aux Affaires Étrangères* e publicou romances, novelas e poesias, além de ter sido colaborador do jornal *Commerce* (Cf. SOUSA, 2008). Além disso, ele é autor do polêmico *Essai sur l'inégalité des races humaines*, no qual ele discute a razão da ascensão e queda das grandes civilizações, atribuindo-as à mistura de raças que ocorre quando um povo domina e coloniza um território (Cf. GOBINEAU, 1967).

A amizade entre Pedro II e o conde se iniciou em 1869, quando ele veio ao Brasil para participar de uma missão diplomática, e o imperador, que já o conhecia por suas obras literárias, recebeu-o com simpatia (RAEDERS, 1938, p.11). No período, os dois iniciaram uma amizade, que continuou mesmo depois do retorno de Gobineau à França, quando o contato entre eles foi mantido por meio de cartas trocadas entre os dois, nas quais eles frequentemente faziam comentários sobre ciência e literatura.

Entre os comentários literários presentes nas missivas, há alguns em que o imperador e Gobineau mencionam o romancista Walter Scott, a qualidade de suas obras e as suas opiniões sobre elas. A primeira carta em que esse tema apareceu foi enviada em 16 de outubro de 1871, por Gobineau (ACI, Maço 156 – Doc. 7280). Na ocasião, D. Pedro II estava

realizando sua primeira viagem à Europa, feita durante o período de licença que tirou após a morte de uma das suas filhas, a princesa Leopoldina, que havia falecido em Viena e cujos filhos ficaram sob a responsabilidade do imperador (SCHWARCZ, 1998, p. 361).

Na missiva mencionada, Gobineau escreveu sobre a admiração que tem pelo imperador e sobre a vontade de saber suas impressões sobre o mundo intelectual com o qual ele entrou em contato durante a viagem. Depois de fazer essas considerações, e provavelmente fazendo referência a alguma conversa que eles tiveram, pessoalmente ou por correspondência, ele afirmou que não ficaria surpreso se parecesse ao imperador que Walter Scott deixou mais traços no espírito inglês e em sua cultura do que os dois Pitt juntos deixaram na política (ACI, Maço 156 – Doc. 7280)¹¹. Ele fez referência, nesse trecho, a William Pitt, influente primeiro-ministro da Inglaterra, no início do século XIX, e a seu pai, de mesmo nome, que ocupou esse cargo na segunda metade do século XVIII (Cf. HAGUE, 2005).

Ao comparar a influência política dos Pitt à que Walter Scott teve na cultura, Gobineau traz indícios da importância desse autor na Inglaterra, que estava além da sua produção e circulação literária. A próxima menção a Scott nas cartas trocadas entre os dois amigos ocorre anos depois, quando Pedro II se encontrava em terras brasileiras e Gobineau estava em Roma. Em uma missiva escrita em 3 de setembro de 1879, o conde, após dizer que estava se sentindo sozinho e que, por isso, lia bastante e todo o tipo de coisas, fez o seguinte comentário sobre a obra de Scott:

Acabo de fazer uma descoberta: *Ivanhoe* é uma obra-prima. Uma vez, há muito tempo, eu gostava apaixonadamente de Walter Scott, e então veio o período *Drang und Sturm* e eu passei por ele como todo mundo, e, sendo essencialmente conciliador, repeti com a estética atual que *Ivanhoe* era literatura *de pendule*. Dificilmente poderia haver um julgamento mais falso. A Idade Média é perfeitamente verdadeira e bem estudada e apresentada em *Ivanhoe*, sem mencionar a magnificência da paisagem, que é incomparável. Somente no tempo de Walter Scott, o tempo de Ricardo Coração de Leão, o século XIII ainda não era conhecido, ou o era apenas em bloco, ou tomava-se toda a Idade Média em Froissart. *Ivanhoe* é, portanto, perfeitamente

¹¹ 16 de agosto de 1871. No original: "Je ne serais pas extrêmement étonné que Walter Scott vous eût paru avoir laissé plus de traces dans l'esprit anglais et son mode de culture que les deux Pitt réunis ont creusé dans la politique".

verdadeiro, mas transposto para o século XV. Não há nenhuma crítica a ser feita em relação a isso. (ACI, Maço 181 – Doc. 8296)¹²

Os assuntos abordados nessa missiva são interessantes pois trazem indícios não só sobre a maneira como Gobineau avaliava a obra de Scott, mas também sobre como os movimentos literários influenciam a maneira como determinado tipo de romance é visto em um período específico. O movimento *Drang und Sturm*, ou *Tempestade e Ímpeto*, mencionado por ele como a causa para a desvalorização da obra de Scott, deve seu nome à peça de Friedrich Klinger e surgiu como uma oposição a alguns aspectos do Iluminismo. Uma de suas características era a ideia de que os homens devem viver a plenitude de seus desejos e paixões, bem como sua proximidade com a natureza (KARTHAUS, 2000; SILVA, 2016).

O contato com a obra de alguns escritores que fizeram parte desse movimento, como Johann Gottfried von Herder e Johann Wolfgang von Goethe, talvez tenha feito com que Gobineau desvalorizasse as obras de Scott, que não trazem como ponto central a discussão dos sentimentos e sensações de seus personagens diante dos acontecimentos. Porém, segundo o conde, após uma reflexão posterior ele voltou a valorizar os livros desse romancista, devido, principalmente, à sua habilidade para fazer descrições e permitir que seus leitores conheçam mais sobre a época retratada em seus romances.

As descrições presentes nos romances faziam parte dos elementos levados em consideração por muitos letrados e críticos do período durante a avaliação de obras de prosa ficcional (Cf. GABRIELLI, 2018; FRANCISCON, 2018). Nas cartas escritas pelo imperador a respeito dos romances de Scott, esse também é um elemento muito valorizado, como

¹² No original: "Je lis immensément et de toutes sortes de choses pour me rendre possible le travail de création. Car de ne parler à personne engourdit singulièrement l'esprit. Je n'en viens pas moins de faire une découverte: c'est que, positivement, Ivanhoé est un chef d'œuvre. Autrefois, il y a bien longtemps, j'aimais passionnément Walter Scott et puis la période *Drang und Sturm* est venue et j'y ai couru comme tout le monde et, comme je suis essentiellement conciliant, j'ai répété avec l'esthétique actuelle que Ivanhoé était de la littérature de pendule. Il n'y a décidément pas de jugement plus faux. Le moyen âge est parfaitement vrai et bien étudié et bien rendu dans Ivanhoé, sans compter la magnificence du paysage qui est incomparable. Seulement, au temps de Walter Scott, le temps de Richard Cœurs de Lion, le XIIIe siècle n'était pas encore connu et, en bloc, ou prenait tout le Moyen-Âge dans Froissart. Ivanhoé est donc parfaitement vrai mais transposé au XV^e siècle. Là, il n'y a positivement pas une critique à faire."

é possível observar a partir do que ele escreveu a Gobineau em resposta à missiva mencionada:

Como é agradável ouvi-lo falar assim do nobre senhor de Abbotsford. Já visitei sua mansão duas vezes por causa dos romances que fazem minhas delícias desde a adolescência!

Foi na Escócia que eu realmente consegui apreciá-los. Como me lembro do seu Ivanhoé! Como começa bem, descrevendo a chegada dos viajantes à casa de Cedric. A paisagem é maravilhosamente descrita quando o terrível templário e o abade *bon vivant* se encontram com Gurth. Leia também Waverley e pensando nos lagos das Highlands, vá admirá-los depois na natureza. Não se esqueça do Mid Lothians's Hearth. Fiz minha peregrinação a St. Levaro onde a casa de Jennie Dean e do Abade ainda está conservada – por causa de Lochleven e dos Puritanos que eu prefiro chamar de Old-Mortality. Eu também me escondi atrás de um dos pilares da cripta de St. Mungo em Glasgow.

Finalmente, não deixarei Sir Walter Scott sem mencionar sua encantadora bisneta, que foi tão boa para mim no castelo, onde falamos do bom e nobre senhor. Ela me deu um autógrafo e um manuscrito que ele não terminou (ACI, Maço 181 – Doc. 8296)¹³.

Esse trecho de carta mostra que o imperador também valorizava as descrições do romance de Scott como uma das suas características importantes, fazendo com que ele ainda se lembre da cena inicial de *Ivanhoé*, em que a paisagem da Inglaterra da época do Rei Ricardo é descrita, bem como dos dois personagens que cavalgam em busca de abrigo. Além disso, essa carta mostra como a influência do autor na vida de Pedro II foi além

¹³ 27 de setembro de 1879. No original: "Que 'aime à vous entendre parler ainsi du noble seigneur d'Abbotsford. J'ai déjà visité deux fois son manoir à cause des romans qui ont fait mes délices depuis mon adolescence! / C'est en Ecosse que je les ai dûment appréciés. Que je me rappelle son Ivanhoé! Comme il commence bien, décrivant l'arrivée des voyageurs chez Cédric. Le paysage y est merveilleusement décrit quand le terrible Templaure et l'abbé bon vivant rencontrent Gurth. Lisez aussi Waverley et pensant aux lacs des Highlands, allez les admirer après dans la nature. N'oubliez pas Mid Lothian's Heart. J'ai fait mon pèlerinage à St. Levaro où l'on conserve encore la maison de Jennie Dean et l'Abbé - à cause de Lochleven et les Puritains que je préfère nommer Old-Mortality. Je me suis caché aussi derrière un des piliers de la crypte de St. Mundo à Glasgov./ Enfin, je ne quitterai pas Sir Walter Scott sans parler de sa charmante arrière petite-fille qui a été si bonne pour moi en ce château où l'on parle du bon et noble seigneur. On m'y a donné l'autographe d'un manuscrit for curieux qu'il n'a pas terminé".

da leitura de romances ou do contato com os seus livros, que ele afirma ter apreciado desde a adolescência.

Os fatos narrados pelo imperador mostram que a admiração por Scott fez com que ele desejasse, por exemplo, conhecer os lugares onde as narrativas e algumas das cenas principais de seus romances se passaram, o que provavelmente influenciou o roteiro escolhido para suas viagens à Europa. A sua identificação com as obras desse autor foi tão grande que ele decidiu visitar a casa de personagens como Jeanie Deans, que aparece em *The Heart of Midlothian*. Além disso, é comum, nas cartas trocadas com Gobineau e também nas que Pedro II enviou à sua filha, e que serão analisadas mais adiante, que ele faça menções aos personagens das obras sem comentar a ficcionalidade do enredo em que eles estão inseridos, referindo-se a eles como se fossem pessoas reais.

A descrição de sua viagem à Escócia mostra que o imperador tinha o desejo de vivenciar os acontecimentos sobre os quais ele havia lido nos romances. Essa provavelmente foi sua motivação para não apenas visitar a Cripta de St. Mungo, que é um dos cenários de *Rob Roy*, mas também se esconder atrás dela, provavelmente para tentar replicar as cenas de aventura do livro, que se passam nesse mesmo cenário. Por esse motivo, a experiência vivida pelo imperador parece mostrar que a identificação que ele sentia em relação a alguns livros e personagens excedia o próprio ato de ler, servindo como causa para experiências que ele viveu no mundo real, e que buscam reproduzir ou complementar o enredo do livro.

Por meio das descrições presentes na carta, também é possível notar que o imperador já havia lido vários dos romances de Scott - *Ivanhoé*, *The Heart of Midlothian*, *Rob Roy*, *Waverley*, *The Abbot* e *Old-Mortality*, pois conhece seus personagens e o local em que várias partes do enredo se passaram ou a maneira como foram descritas. A forma como ele se lembrou de locais e cenários específicos pode indicar, também, que ele realizou uma leitura atenta das obras. Segundo Georges Raeders (1938, p. 69), Pedro II tinha todos os trabalhos de Scott escritos “em inglês e em tradução francesa” e esses livros, conservados até hoje no *Castelo d’Eu*, “são frequentemente anotados pela mão do soberano”.

A presença dessas obras completas no *Castelo d’Eu* pode ser mais um indício da sua importância na vida do imperador brasileiro. Afinal, após a Proclamação da República, a família imperial precisou deixar rapidamente o território brasileiro, o que implicou no abandono de roupas, joias, objetos pessoais e uma coleção de mais de 20.000 livros, que, em 1891, foram

doados pela família imperial a instituições brasileiras¹⁴. Ainda assim, Pedro II conseguiu levar consigo as obras completas, em inglês e em francês, desse romancista, e mesmo assim esse autor é o segundo com mais obras na coleção de livros que permaneceu em solo brasileiro (ASSUMPCÃO, 2018).

Outro fator interessante, que pode ser analisado a partir da viagem narrada na carta para Gobineau, é a visita que o imperador fez à residência de Scott e à sua bisneta, Mary Monica Maxwell-Scott, que ainda estava viva, e de quem ele ganhou um autógrafo do autor, que até hoje faz parte do Arquivo da Casa Imperial do Museu Imperial de Petrópolis (ACI, Maço 28 – Doc. 1001). A vontade de visitar a casa em que o escritor morou, além de revelar a grande admiração de Pedro II por ele, também é um indício de que, ao longo do século XIX, alguns escritores passaram a ser vistos, pelo público, como celebridades.

Segundo Márcia Abreu (2019, p. 104), esse fenômeno das celebridades literárias era comum no Brasil do século XIX, “uma vez que havia diversas notas e notícias sobre a vida privada de escritores, sem necessariamente vincular-se ao conhecimento de ou ao interesse por suas obras”¹⁵. No caso do imperador, ele, além de conhecer e admirar os romances de Scott, também demonstra um interesse pela vida pessoal do escritor e pelo local em que ele viveu e escreveu suas obras. Além disso, a consideração da família imperial pela família do escritor foi tanta que, nessa visita, Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina parecem ter levado alguns presentes à bisneta de Scott, que até hoje fazem parte do acervo do local. No site oficial do museu em que a casa do escritor foi transformada, há uma página dedicada à família imperial do Brasil, em que são dados detalhes sobre um guarda-sol ornamentado com pedras semipreciosas que a imperatriz do Brasil deu à bisneta de Scott em 1871, quando o local foi visitado (THOMPSON-ARCHER, 2019).

Nessa página do site, também há algumas informações adicionais sobre a viagem que o imperador brasileiro fez à Inglaterra nesse período. Segundo o texto publicado no site, em julho de 1871, a família imperial visitou a rainha Victoria em sua casa, na *Ilha de Wight*, e depois se dirigiu para o norte, parando em Kenilworth, em homenagem ao romance

¹⁴ A doação de seus pertences foi feita por Pedro II por meio de uma carta destinada ao seu advogado e procurador Silva Costa, e que foi citada na edição de 1891 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1891.

¹⁵ Sobre esse tema, ver também: TURNER, 2004; MCDAYTER, 2009.

homônimo publicado por Scott em 1821. Em seguida, eles foram para a Escócia, pois desejavam ver os *Trossachs* e o *Loch Katrine*, paisagem que aparece no romance *The Lady of the Lake*, de 1810. Após essa visita, o imperador se dirigiu a *Abbotsford*, antiga residência do escritor e, ao ir embora, levou consigo um arbusto, que ele desejava plantar no palácio de Petrópolis (THOMPSON-ARCHER, 2019), provavelmente para reproduzir, no Brasil, parte da vegetação encontrada nos romances e na casa do autor.

Esse tipo de visita à antiga residência de Scott não foi feita apenas pelo imperador brasileiro. A rainha Victoria, influente monarca da Inglaterra, relata, em seu diário pessoal, que fez uma viagem semelhante. Na ocasião, que se deu em agosto de 1867, ela relatou que fez uma visita à propriedade da família Scott e que visitou as florestas e ruínas ao seu redor, como a tumba de Alexander II, um antigo rei escocês. Ao estar nesse local, ela se lembrou de alguns trechos de *Lay of the Last Minstrel*, que descrevem essa mesma tumba: “Eles se sentaram em uma pedra de mármore, um monarca escocês dorme abaixo dela” (ABP, 1867). Nesse passeio, a rainha visitou, ainda, o interior da moradia, admirou a decoração do local, as roupas preservadas do escritor, o quarto em que ele escrevia e os manuscritos de *Ivanhoé* e de outros romances e poemas¹⁶.

¹⁶ 22 de agosto de 1867. No original: “the position of Melrose is most picturesque, surrounded by woods & hills & just outside the little town of Newstead, through which we passed, which is very narrow & steep. Drove straight to the Abbey, standing just beyond the grounds of the Duke of Buccleuch's agent. Walked about the very fine ruins, some of the architecture & carving being in a beautiful state of preservation. David I first described as a "sair saint" originally built the Abbey, but the remiss now standing were built in the 15th out". We saw where under the High Altar Robert Bruce's heart is said to be buried, also the tomb of Alexander II and of the celebrated Wizard Michael Scott. I quote some lines of Walter Scott's in the "Lay of the Last Minstrel": "They sat them down on a marble stone, A Scottish monarch slept below". This describes the tomb of Alex: II. (...) In another 20 minutes we came to Abbotsford, the well-known residence of Walter Scott, which lies low & looks gloomy. Mr Hope Scott & Ly Victoria (my god daughter, sister to the present Duke of Norfolk) with their children, the young Duke of N. & some other relatives received us. Mr Hope Scott's first wife was Miss Lockhart, the only surviving grandchild of Sir W. Scott. She died leaving only one daughter, a pretty girl of 11, to whom the place will go, & who is the only surviving descendent of Sir Walter. They only showed us the part of the house in which Sir Walter lived. In the Drawing room there is still the same furniture & carpet. In the Library we saw his M. S. of "Ivanhoe", several others of his Novels & Poems, all written in a beautiful handwriting, with hardly any erasures, & also the relics which Sir Walter had himself collected. His study, is a small dark room with a little turret, in which is a bronze bust done from a cast taken after death."

Esse exemplo mostra que a visão de Walter Scott como uma espécie de celebridade estava presente também entre outros monarcas do período, que visitavam os locais em que cenas importantes de seus livros se passavam e também a moradia do falecido escritor. Esse romancista, portanto, apresentava uma importância na vida desses leitores que ia além da leitura e do gosto pelos seus livros.

No caso do monarca brasileiro, a leitura desse autor tinha, ainda um outro propósito: ser o assunto de conversas e das leituras que ele realizava com a sua filha, a princesa Isabel, e que estão registradas em suas cartas, que serão analisadas no próximo tópico.

3 A leitura de *Ivanhoé*, de Walter Scott, comentada por Pedro II e pela princesa Isabel

Durante a sua vida, dom Pedro II possuía uma grande preocupação com a educação de suas filhas. Por esse motivo, ele assumiu a função de tutor das princesas e acompanhou atentamente, e por toda a vida, as leituras que elas realizavam, o cumprimento de suas atividades diárias e as suas opiniões sobre determinados autores e sobre algumas leituras (Cf. AGUIAR, 2012).

Muitas das conversas que eles mantinham sobre livros e leituras estão registradas nas cartas quase diárias que pai e filha trocavam, e que hoje fazem parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis (AGP XXXIX-1; AGP XLI-3). Nesses documentos, é comum que eles conversem sobre suas impressões de leitura e sobre o contato que mantêm com diferentes autores. Alguns dos elementos que podem ser observados por meio da análise dessas missivas enviadas no ano de 1864 são os critérios que esses membros da família imperial utilizam para avaliar o romance *Ivanhoé*. Esses critérios parecem seguir, em grande parte, aqueles que também eram mencionados por letrados do período para escrever críticas positivas ou negativas sobre os livros desse gênero, tais como a descrição, os personagens, o enredo e a verossimilhança. Márcia Abreu (2016, p. 375), que estudou as críticas sobre romances publicadas em Portugal, na França, na Inglaterra e no Brasil durante o século XIX, concluiu que as obras ficcionais eram avaliadas de maneira semelhante nesses quatro países, pois os letrados partilhavam uma espécie de “poética dos romances”:

Eles esperavam que um romance, além de instruir, deleitar e moralizar, tivesse um estilo não afetado nem declamatório, mas fácil e graciosos; que empregasse uma linguagem desprestigiada e sem preciosismos, mas clara e elegante. Tinham expectativa de que o enredo manifestasse uma boa invenção, pela adequada escolha de episódios, e fosse apresentado com ordem e nexos, sem passagens forçadas e pouco naturais, evitando digressões e desvios do núcleo central, conduzindo a um desfecho surpreendente, mas plausível, sem qualquer recurso a artimanhas sobrenaturais. Esperava-se, ainda que as personagens fossem semelhantes a pessoas comuns e se expressassem em acordo com sua situação e caráter (ABREU, 2016, p. 375).

Muitos dos critérios mencionados por Abreu são citados também por Pedro II e sua filha, durante as conversas sobre os romances. Nas cartas já mencionadas e trocadas entre o imperador e o conde de Gobineau, foi possível perceber que a descrição, os personagens e algumas partes do enredo dos romances de Scott agradaram ao imperador, e esses mesmos critérios são retomados quando pai e filha se referem à leitura de *Ivanhoé*.

A história desse romance se passa em 1194, na época das Cruzadas e da briga entre o rei Ricardo da Inglaterra e seu irmão pelo trono. A trama inclui como centro o personagem principal, Ivanhoé, seu amor dividido entre a nobre Rowena e a judia Rebecca e as diversas lutas e intrigas para salvá-las, e que estão relacionadas aos desentendimentos nas relações entre o anglo-saxões e os normandos. O enredo é cheio de reviravoltas, esconderijos, sequestros, momentos de revelação e brigas entre o bem e o mal, que parecem ter intrigado e prendido a atenção desses leitores da elite, conforme veremos mais adiante.

Uma das primeiras menções ao romance é feita em uma carta de 17 de outubro de 1864, em que a princesa escreveu para o pai que já havia travado conhecimento com Gurth, Wamba, Cedric, Aymer e o Templier, personagens do romance (AGP XLI-3). Dois dias depois, a princesa voltou a escrever sobre o livro, após relatar alguns acontecimentos do cotidiano: “o seu Walter Scott me interessa muito mas eu reclamo que agora ele também é meu. Estou no lugar em que Rowena manda chamar o peregrino pela criada para falar com ele.” (AGP XLI-3).

Com base nos trechos dessas missivas, é possível perceber que a princesa Isabel, ao conversar com o pai sobre a leitura de *Ivanhoé*, fez uso de critérios muitos semelhantes ao que ele utilizou para citar as obras de Scott nas cartas com Gobineau. Assim, ela menciona, em primeiro lugar, os personagens que conheceu, e cita trechos do enredo para que o pai

compreenda em qual parte da obra ela se encontra. O comentário de que o Walter Scott não seria apenas do imperador, mas também dela, é um indício de que a princesa possivelmente já conhecia o interesse de Pedro II por esse autor, além de mostrar a intimidade existente entre pai e filha e que permitia esse tipo de brincadeira.

A resposta à carta de Isabel foi escrita pelo seu pai no mesmo dia, em 19 de outubro de 1864. Na missiva, após comentar sobre assunto do cotidiano, ele escreveu: “vejo que já vai conhecendo a família e hóspedes do illustre saxão Cedric, e estou certo de que há de ter gostado muito das descrições d’esse romance de meu Walter Scott. Não julgou formar parte da cavalgada do Abade e do templário? (AGP XXXIX-1). Nesse trecho, o imperador faz menção aos acontecimentos do enredo e aos personagens do romance, além de elogiar a descrição da cavalgada do início da narrativa. A cena mencionada é a mesma que Pedro II elogiaria 15 anos depois, na carta enviada a Gobineau em 1879 e já mencionada anteriormente. Com isso, é possível perceber que a admiração dele por esse livro era realmente antiga, e que as cenas que lhe chamaram a atenção nesse livro permaneceram em sua memória por bastante tempo.

Nas cartas seguintes, escritas por ele nos dias 20 e 21 de outubro, o imperador retoma os comentários da filha sobre o romance. No dia 20, ele escreveu: “Já conhece Rebecca? Há de querer-lhe muito bem, mas sem esquecer as outras leituras” (AGP XXXIX-1). Na missiva do dia 21, os personagens principais desse romance voltaram a ser mencionados, e a brincadeira da princesa também recebe uma resposta:

Duvido de que o Walter Scott seja seu como ele é meu; pois que sou seu amigo de tantos annos. É excelente leitura; mas para momentos de lazer. Respeito lady Rowena, mas não gosto do seu orgulho aristocrático, é um contraste muito habilmente ideado da simpática Rebecca. Sempre que puder converse comigo sobre suas leituras, e vai se acostumando a tomar notas do que mais lhe agrada (AGP XXXIX-1).

Nessa carta, Pedro II volta a afirmar que já conhece Walter Scott há muitos anos, e faz comentários sobre os personagens da trama. Por meio das menções feitas ao enredo, é possível saber que ele valoriza as características da *simpática* Rebecca, assim como a do *ilustre* Cedric, mencionado na carta anterior. Em oposição a esses personagens está Rowena, que não lhe agrada,

mas que representa um contraste que, em sua opinião, foi bem construído. Com base nesses comentários, é interessante notar que o imperador discute as características dos personagens como se eles fossem pessoas, cujo caráter é possível conhecer aos poucos, conforme a leitura do livro avança.

Ao elogiar ou desqualificar os personagens do livro, ele revela, também, quais características ele considera positivas dentro da história mencionada. Assim, ele valoriza Cedric, personagem saxão e pai de Ivanhoé, que continua fiel aos seus princípios mesmo após os normandos tomarem o poder na Inglaterra. O monarca não gosta, no entanto, de Rowena, personagem de origem saxã que é protegida por Cedric, mas que tem consciência de sua origem nobre e, por isso, discorda diretamente de algumas decisões e posicionamentos dos outros personagens. Um contraste a ela é feito, segundo o imperador, por Rebecca, personagem judia, humilde e sem muitas pretensões, que acata todas as decisões do pai e ajuda vários outros personagens ao longo da narrativa.

A identificação desses contrastes produzidos pelo enredo e a preferência criada por alguns personagens revela como, no ato de ler, o leitor representa um papel ativo, utilizando sua bagagem de leitura, opiniões e vivências para avaliar a história ficcional e interpretá-la. No caso de Pedro II, essas considerações são compartilhadas com a filha, talvez pelo desejo de guiá-la pela leitura do livro, já antecipando algumas impressões que ela pode ter ao longo da leitura.

Na carta mencionada, o imperador também estimulou a princesa a conversar com ele sobre suas leituras, o que parece, mais uma vez, indicar que, mesmo após a filha ter atingido a idade adulta, ele não abriu mão do seu papel como educador, e que as conversas sobre livros e leituras eram incentivadas dentro desse círculo imperial. Outro comentário presente na carta e que chama a atenção é o de que Scott é excelente leitura, mas que os romances devem ser lidos apenas em momentos de lazer. Nesse trecho, o imperador faz uma distinção entre a leitura de romances e as leituras consideradas sérias, e que estavam relacionadas ao estudo.

A distinção entre leituras sérias e romances era já bem conhecida pela crítica desde o século XVIII, pois, como já mencionado anteriormente, muitos homens de letras consideravam que esse tipo de obra estava relacionado a momento de ócio e poderiam fazer com que o leitor perdesse um tempo precioso e entrasse em contato com situações imorais (ABREU

et al., 2005, p. 2). Ao fazer esse comentário, o imperador mostra que provavelmente estava ciente desse tipo de crítica à leitura de romances e que, por isso, mesmo romancistas de grande valor deveriam ser lidos apenas em horas de lazer.

Na carta que escreveu em resposta ao pai, a princesa mostrou concordar com seus apontamentos sobre a personagem Rebecca e, mais uma vez, fez comentários sobre o trecho do enredo que ela estava lendo: “já gosto muito de Rebecca. Gurth já cahio nas mãos dos ladrões e agora está deitado adiante da porta do cavaleiro Desherité” (AGP XLI-3)¹⁷. Em sua resposta, Pedro II estimulou o gosto da filha por essa personagem: “(...) cada vez há de estimar Rebecca mais de coração e ter pena do deserdado” (AGP XXXIX-1)¹⁸. Rebecca continuou a ser mencionada nas cartas seguintes, em que a princesa parece querer mostrar que compartilhava a opinião do pai sobre essa personagem: “Hoje li com Gaston seu amigo Dante. Gaston leu (...) para eu ouvir, eu só li *Ivanhoé*. Estou no lugar em que Wamba finge ser frade para entrar no castelo não de Martin, mas de Reginald Front-de-Boeuf. Gosto muito de Rebecca, tenho muita pena também de Rowena” (AGP XLI-3)¹⁹.

Nessa carta, além de escrever sobre a sua opinião favorável a Rebecca, concordando com os insistentes comentários do pai sobre essa personagem, a princesa menciona a leitura de Dante, talvez para indicar, também, que havia compreendido que a leitura de *Ivanhoé* estava reservada para momentos de ócio e lazer. Assim, ela indicou ao pai que o romance foi lido apenas depois do contato com a obra mais clássica. Esse comentário indica, ainda, que as práticas de leitura da princesa eram compartilhadas não apenas com o pai, mas também com o seu marido, o conde d’Eu, mostrando que esse hábito fazia parte do cotidiano da família imperial.

A resposta do imperador foi enviada dois dias depois, em 3 de novembro de 1864: “Chegou você a uma parte mais interessante de *Ivanhoé* e cada vez há de estimar mais a Rebeca” (AGP XXXIX-1). No trecho mencionado, que o imperador considera ser o mais interessante do romance, os personagens principais da trama são sequestrados por dois cavaleiros: de Bracy, que deseja convencer Rowena a se casar com ele, e Bois-Guilbert, o templário que, encantado pela beleza de Rebecca, quer

¹⁷ Carta de 22 de outubro de 1864.

¹⁸ Carta de 24 de outubro de 1864.

¹⁹ Cartas de 31 de outubro de 1864.

seduzi-la. Quando esse propósito é revelado, Rebecca, após tentar dissuadi-lo, oferecendo-lhe dinheiro e utilizando argumentos religiosos, ameaça cometer suicídio, pulando da janela da torre do castelo, para não perder sua virtude. O comportamento virtuoso e moralizante dessa personagem, somado ao seu respeito pela religião e pela família, talvez seja o motivo pelo qual o imperador elogia tanto essa personagem para a própria filha.

Em 3 de novembro, esse episódio do enredo volta a ser mencionado na missiva escrita por Pedro II: “(...) Há de ter já chegado ao incendio do castelo do Franz-de-Boeuf: que tempera diabólica de character não tem o templário!” (AGP XXXIX-1). Para fazer esse comentário, Pedro II parece ter calculado em qual parte do romance a filha se encontraria no dia seguinte, indicando que ele imaginava que ela estava realizando uma leitura diária do romance. Além disso, ele indica, mais uma vez, a sua opinião sobre o personagem do templário, responsável pelo sequestro de alguns personagens e pela tentativa de seduzir Rebecca, ação que o imperador julgou ser fruto do seu caráter diabólico.

Nos dias 5 e 7 de novembro, a princesa voltou a responder aos comentários do pai. Na primeira carta, ela menciona mais uma vez Rebecca, que “acha-se só agora com o templário depois de ter estado no tribunal” (AGP XLI-3). No dia 7, ela escreve um comentário mais longo sobre o enredo do romance: “(...) Reabri ontem de noite *Ivanhoé*, acho lindo esse romance, mas se me é permitido dizer alguma coisa, acharia melhor que Athelstan não ressuscitasse, é um pouco fora do natural todo esse acontecimento. Também achei uma notinha no livro dizendo que algumas pessoas julgam como eu, mas que Walter Scott assim tinha feito porque lhe tinham pedido” (AGP XLI-3).

Nessa carta, além de elogiar, mais uma vez, o livro e mencionar o trecho do enredo em que ela se encontra, a princesa utiliza um outro critério para avaliar a obra: a verossimilhança. No trecho mencionado, Athelstan, personagem de origem nobre e herdeiro do trono saxão, é tido como morto após ser ferido na cabeça em uma luta ocorrida no castelo de Front-de-Boeuf. Em seu velório, que ocorre no final do romance, ele reaparece, vivo, afirmando que foi mantido cativo por três dias, e que sua morte foi forjada pelos seus sequestradores. A princesa, que considerou essa peripécia pouco natural, parece ter encontrado respaldo para a sua opinião em uma nota da edição lida por ela.

A menção a essa nota, bem como aos nomes dos personagens, que são escritos em francês nas cartas enviadas pela princesa, permite supor qual edição do romance foi lida por ela. Uma edição em francês, traduzida por Auguste Defauconpret e publicada em 1835, como parte das obras completas de Scott, possui, na página em que a aventura mencionada é narrada, uma nota, na qual se lê:

A ressurreição de Athelstane foi muito criticada, por ser uma ruptura muito grande com a verossimilhança, mesmo dentro de uma obra puramente imaginária; esse é um *tour de force* ao qual o autor se viu forçado a recorrer devido às vivas súplicas de seu editor, que é muito seu amigo, e que a morte do saxão deixou inconsolável. (SCOTT, 1835, p. 445)²⁰

O conteúdo da nota parece ser o mesmo que a princesa leu em sua edição. O comentário que ela faz ao pai mostra que os critérios que a família imperial utiliza para julgar os romances como sendo bons ou ruins estava, muitas vezes, relacionados àqueles utilizados pela crítica do período, e que eles poderiam encontrar nas traduções e edições que liam, bem como em periódicos e jornais aos quais eles também tinham acesso.

As últimas cartas em que a obra de Scott é mencionada foram enviadas em 9 de novembro de 1864. Nesse dia, Pedro II concordou com o comentário da filha, escrevendo que “Estava certo de que *Ivanhoé* agradaria muitíssimo, e com efeito a aventura de Athelstane vem fora de lugar” (AGP XXXIX-1). A isso, a princesa responde: “Já estou muito adiantada em *Ivanhoé*, estou no lugar em que os outlaws reúnem-se depois do assalto dado a Fortaleza de Reginald Front-de-Boeuf. Rebecca desapareceu com o templário, o cavaleiro Preto me interessa também muito assim como Wamba e Gurth” (AGP XLI-3)²¹.

Nessas missivas, os mesmos critérios são utilizados por Isabel e por seu pai. Há menções à qualidade do romance, aos acontecimentos do enredo e aos personagens pelos quais a princesa demonstra interesse. O

²⁰ No original: "La résurrection d'Athelstane a été très critiquée, comme une rupture trop ouverte avec la vraisemblance, même dans un ouvrage purement imaginaire; c'est un tour de force auquel l'auteur s'est vu forcé de recourir par les vives supplications de son éditeur, qui est aussi son ami, et que la mort du Saxon rendait inconsolable." Tradução minha.

²¹ Carta de 9 de novembro de 1864.

imperador parece, também, ficar feliz com o comentário positivo da filha sobre o romance pelo qual ele demonstra tanto interesse, e cuja leitura acompanhou tão de perto.

Essas informações, juntamente com outros fatos mencionados ao longo deste artigo, servem como indícios de como os livros de Walter Scott circularam e foram lidos por membros da aristocracia brasileira. Segundo o que foi apresentado, foi possível perceber que as obras desse autor de língua inglesa estavam entre os livros preferidos do imperador, que reservava sua leitura a momentos de lazer e lembrava-se de comentá-la com amigos e familiares em suas cartas pessoais.

Ademais, a maneira como Pedro II se relaciona com as obras de Scott e tece comentários sobre elas também é um indício do ambiente de troca cultural que envolvia a Inglaterra e o Brasil. Afinal, os elementos mobilizados pelo monarca para comentar esses livros, além de serem semelhantes aos presentes na crítica literária, também são compreendidos por pessoas de diferentes origens, como Gobineau, conde francês, que retoma, em suas respostas às cartas do imperador, os mesmos critérios para tratar dos romances. As informações retiradas do diário da rainha Victoria, também citadas brevemente neste trabalho, sugerem, ainda, que até mesmo a monarca que governava a Inglaterra compreendia a importância de Scott dentro da produção desse país e a necessidade de conhecer suas obras, os lugares em que elas se passaram e as adaptações feitas com base nelas.

Todos esses pontos são indícios de que a Inglaterra e o Brasil compartilhavam autores, livros e maneiras de ler no século XIX. A circulação de impressos existente entre os dois países permitiu a vinda de obras de romancistas ingleses para terras brasileiras, para onde eles foram exportados em língua original, traduzidos, adaptados e adquiridos por gabinetes de leitura e bibliotecas públicas e particulares, como a que era mantida pelo imperador. O exemplo da leitura de romances de Walter Scott, analisado a partir de documentos pessoais dos membros da família imperial, serve como indício desse processo de circulação e recepção de obras.

Referências

ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX. [S.l: s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ABREU, Márcia (org.) *Romances em movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ABREU, M. Literatura sem texto: presença social da literatura no Brasil oitocentista. *Revista Letras*, Curitiba, n. 100, pp. 91-111, 2019.

AGUIAR, J. V. de. *Mulheres educadas para governar: O Cotidiano das “lições” nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. *Em meio a cartas e bibliotecas: a presença de romances no Brasil e na Rússia no século XIX*. 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CARTAS do imperador Pedro II à princesa Isabel. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. AGP XXXIX-1.

CARTAS da princesa Isabel ao imperador Pedro II. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo Grão-Pará. AGP XLI-3.

CARTAS do conde de Gobineau a d. Pedro II. Museu Imperial de Petrópolis/Ibram/Ministério do Turismo. Arquivo da Casa Imperial. Maço 156 – Doc. 7280.

DARNTON, R. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIÁRIOS da Rainha Victória. Buckingham Palace. Disponível em: <http://qvj.chadwyck.com/marketing.do>. Acesso em: 13 out. 2020.

FERRIS, I. *The Achievement of Literary Authority: Gender, History, and the Waverly Novels*. London/Ithaca: Cornell University Press, 1991.

FRANCISCON, T. *Os romances de Maria Edgeworth: do Reino Unido ao Brasil no século XIX*. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018.

GABRIELLI, B. *“Criticar já é distinguir”*: a avaliação de romances em periódicos franceses do século XIX (1836-1850). 2018. 136 f. Dissertação

(Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018.

GOBINEAU, A. de. *Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855)*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

HAGUE, W. *William Pitt the younger*. New York: Alfred A. Knopf, 2005.

KARTHAUS, U. *Sturm und Drang: Epoche - Werke - Wirkung*. München: C. H. Beck, 2000.

LYONS, M. *Le Triomphe du livre: une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIXe siècle*. Paris: Promodis, 1987.

LYRA, H. *História de Dom Pedro II: 1825-1891*. São Paulo: Ed. Nacional, 1938-1940.

MCDAYTER, G. *Byromania and the birth of celebrity culture*. Albany: State University of New York Press, 2009.

MORETTI, F. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

O Collar de Perolas ou Clorinda. *Beija-Flor: Annaes Brasileiros de Sciencia, Politica, Litteratura, etc, etc*, Rio de Janeiro, 1830. Literatura, p. 130. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=701157&pasta=ano%20183&pesq=Walter%20Scott&pagfis=31>. Acesso em: 27 jan. 2021.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o conde de Gobineau (correspondências inéditas)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1891.

SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, W. *Ivanhoe*. Paris: Furne, Charles Gosselin et Perrotin, 1835. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5324237600&view=2up&seq=1>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SILVA, F. V. da. *A Ficção histórica de Goethe: do Sturm und Drang à Revolução Francesa*. 2016. 355 fl. Tese (Doutorado em Literatura Alemã) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

- SOUSA, R. A. S. *Agassiz e Gobineau: as ciências contra o Brasil mestiço*. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2008.
- THOMPSON-ARCHER, K. *Sir Walter Scott, parasols and the Empress of Brazil*. 2019. Disponível em: <https://www.scottsassbotsford.com/news/sir-walter-scott-parasols-and-the-empress-of-brazil>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- TURNER, G. *Understanding Celebrity*. Los Angeles: Sage, 2004
- VASCONCELOS, S. A rota dos romances para o Rio de Janeiro no século XIX. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 9, p. 49-64, 2006.
- VASCONCELOS, S. Cruzando o Atlântico: Notas sobre a circulação de Walter Scott. In: ABREU, M. (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

Recebido em: 28 de janeiro de 2021.

Aprovado em: 26 de julho de 2021.